

HG 401 - História da Filosofia Moderna I

2º Semestre de 2013

Prof. Silvio Seno Chibeni, Departamento de Filosofia, Unicamp

Prova # 2 (28/11/2013)

Observações:

- *É permitida a consulta a textos impressos, exclusivamente, textos esses que não poderão circular entre os alunos.*
- Responda de forma *objetiva* e restringindo-se ao que *Hume* diz. Seja sucinto, mas não esquemático. Indique o número da questão e os *sub-itens* a que está respondendo. Não responda em bloco.
- Em cada resposta, *dê a referência dos parágrafos* dos textos Hume em que ele trata do ponto em questão, *seguindo a convenção padrão internacional* (adotada no curso).
- O **exame final** será no dia 12 de dezembro, quinta-feira, às **14 h.**, **na Sala da Congregação**, sobre toda a matéria vista no curso. Deverá ser feito pelos alunos que, não estando reprovados por falta, não obtiverem média igual ou superior a 5,0 (cinco) nas provas. Para a aprovação final, tais alunos deverão ter nota no exame que, em média com a média das provas, resulte em 5,0 (cinco) ou mais.

Questões:

1. Quais são, segundo Hume, as sete relações filosóficas? b) Dessas sete, quais as que podem ser objeto de *conhecimento*, no sentido estrito do termo (conhecimento *certo*)? c) Esse conhecimento é *a priori* ou *a posteriori*? Explique sua resposta.
2. Na seção 4 da *Investigação*, Hume estabelece a distinção entre *relações de ideias* e *questões de fato*. a) Explique-a, indicando claramente os dois critérios usados para fazer a distinção. (Dê os nomes contemporâneos dos critérios e explique o que são.) b) Dê exemplos de proposições sobre relações de ideias e sobre questões de fato (dois de cada, diferentes dos dados por Hume).

Introdução às questões 3, 4 e 5: Imagine que você está numa floresta e encontra uma árvore com frutos que nunca viu antes. Assuma a posição de Hume na seção 4 da *Investigação* e responda as seguintes questões sobre a relação de causa e efeito.

3. Verificando a cor vermelha, o gosto doce, a forma arredondada e a consistência pastosa dos frutos (e demais qualidades aparentes) você poderá, a partir disso, saber se são venenosos? Justifique sua resposta em termos da teoria epistemológica humeana do conhecimento de causas e efeitos.
4. Do meio da folhagem surge então um índio. Perguntando-lhe se os frutos são venenosos, ele responde que *não*, mas que sua ingestão produz formigamento nos pés. Qual a única forma pela qual você poderia verificar, segundo Hume, se o índio está certo nessas duas afirmações?
5. Após saborear os frutos diariamente durante um mês e, em cada ocasião, sentir os pés formigarem algum tempo depois, você indaga: *O que me garante que ao comer estes frutos mais uma vez sentirei de novo o formigamento?* a) Segundo Hume, os filósofos que o precederam não teriam uma resposta positiva para essa questão. Por que? (Exponha, na sua resposta, o argumento negativo principal de Hume, que tem a estrutura de um dilema; mas *não* precisa explicar como ele mostra que os dois ramos do dilema estão bloqueados.) b) Ainda segundo Hume, o índio, se consultado, expressaria crer firmemente na nova ocorrência de formigamento após a nova ingestão do fruto. Qual seria, segundo Hume, a explicação para essa crença do índio? (Com base em que princípio da mente o índio faria essa inferência, e o que significa dizer que ele acredita no que infere, ou seja, o formigamento?)

Respostas do professor:

1. a) Semelhança, identidade, relações de espaço e tempo, relações de quantidade ou número, relações de graus de qualquer qualidade, contrariedade e causa e efeito (T 1.1.5). b) Só podem ser conhecidas, no sentido estrito de conhecidas com *certeza*, as relações de semelhança, de quantidade ou número, de graus de qualidades, e contrariedade (T 1.3.1 e 2) c) Esse conhecimento é *a priori*, ou seja, pode ser obtido independentemente de qualquer experiência dos objetos relacionados, bastando que tenhamos suas ideias, a partir das quais podemos em princípio descobrir a relação por intuição ou demonstração.
2. a) Todos os objetos da razão ou investigação humana podem ser divididos em *relações de ideias* e *questões de fato* (E 4.1). Segundo um critério *epistemológico*, proposições sobre relações de ideias são aquelas cuja verdade pode ser determinada *a priori*, por intuição ou demonstração, enquanto que as que expressam questões de fato são conhecidas apenas *a posteriori*, por observação dos fatos. Segundo um critério que hoje chamaríamos de *modal*, as primeiras são *necessárias* e as segundas *contingentes*, isto é, as relações de ideias são tais que seu contrário é impossível (no sentido de inconcebível), enquanto que uma proposição expressando uma questão de fato é tal que tanto ela quanto seu contrário são possíveis (concebíveis) (E 4.1-2). b) Exemplos: a proposição de que o todo é maior do que as partes e o teorema de Pitágoras expressam relações de ideias; que Napoleão foi derrotado na batalha de Waterloo e que a Terra tem apenas um satélite natural são questões de fato.
3. Não. Dizer que os frutos são venenosos significa dizer que eles têm o poder causal de envenenar, que sua ingestão tem como efeito o envenenamento. Mas a observação das qualidades sensíveis dos frutos (e dos corpos em geral) não revela nenhum poder causal, não indica nenhum efeito ou causa. O primeiro dos vários casos discutidos por Hume para exemplificar esse ponto é o da água (E 4.6). Uma pessoa sem nenhuma experiência da água (como teria sido Adão, logo ao chegar a este mundo), não poderia inferir, de sua transparência, fluidez, etc., que ela tem o poder causal de sufocar um ser humano. Tal conhecimento só resultará mais tarde, se a pessoa vier a observar vários casos de sufocação por mergulho da cabeça de homens na água.
4. Ambas as afirmações do índio – que os frutos não envenenam e que produzem formigamento dos pés – são proposições sobre causas e efeitos. Conforme dito na questão anterior, esse tipo de afirmação nunca pode apoiar-se na inspeção das qualidades sensíveis dos corpos individuais. Só passamos a considerar um objeto ou evento como a causa de outro quando verificamos que objetos ou eventos desse tipo *regularmente* fazem-se acompanhar de corpos ou eventos do outro tipo: “o conhecimento dessa relação [de causa e efeito] não é, em nenhum caso, alcançado por meio de raciocínios *a priori*, mas provém inteiramente da experiência, ao descobrirmos que certos objetos particulares acham-se *constantemente* conjugados uns aos outros” (E 4.6.). Assim, para avaliar as afirmações do índio temos que fazer *várias* experiências de ingestão dos frutos e verificar se em todas elas à

ingestão se segue um estado normal de saúde, porém com o formigamento dos pés.

5. a) Porque a inferência de que a regularidade passada continuará no novo caso “não se funda em nenhum raciocínio ou processo do entendimento” (E 4.15). Para mostrar isso, Hume arma um dilema, “enumerando todos os ramos do conhecimento humano” e mostrando que “nenhum deles pode fornecer esse argumento” (E 17). Esses ramos são os referentes aos raciocínios demonstrativos e morais, ou prováveis (E 4 18). b) A explicação proposta por Hume é que a inferência em questão se funda no “costume ou hábito” (E 5.5), um princípio “de igual peso e autoridade” que os argumentos da esfera do entendimento (E 5.2). A crença envolvida nessa questão de fato (a ocorrência próxima do formigamento) é explicada por Hume como “um sentimento ou *feeling*” que se anexa à ideia do formigamento futuro (E 5.11) e que faz com que ela seja concebida de maneira “mais vívida, forte, firme e estável” (E 5.12).
